

ARQUIVOS DO IMPÉRIO: O *DIÁRIO DO CONGO* DE ROGER CASEMENT

BOLFARINE, Mariana¹

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar o *Diário do Congo*, de Roger Casement, não apenas como uma forma de escrita de si, mas também, em sentido mais amplo, como um arquivo do império — um repositório que é, ao mesmo tempo subjetivo e que, ao mesmo tempo, condensa o *Zeitgeist* do período e inscreve questões centrais de sua contemporaneidade. Parte-se da hipótese de que o diário, em suas especificidades formais, distingue-se significativamente do Relatório, sobretudo no que diz respeito ao teor, à fragmentação, à temporalidade ao modo de inscrição da experiência. Busca-se discutir as controvérsias em torno da sexualidade de Casement, registrada no diário de maneira cifrada, por meio de símbolos e do uso de outras línguas, e como esse mesmo documento contribuiu para sua posterior rejeição, suscitando inclusive sentimentos de abjeção. Tal recepção acaba por tensionar a leitura de seus relatórios sobre o Congo e a Amazônia, frequentemente considerados textos inaugurais no campo dos direitos humanos e em relação a sua própria figura. A fundamentação teórica apoia-se nos estudos sobre escrita de si, diário e relato de viagem, a partir de Michel Foucault (1992), Irina Paperno (2004) e Maurice Blanchot (2005), bem como as teorizações sobre abjeção e nojo formuladas por Julia Kristeva (1982) e William Ian Miller (1997).

PALAVRAS-CHAVE: Diário; Arquivo queer; Império; Abjeção; Roger Casement.

ARCHIVES DE L'EMPIRE : LE JOURNAL DU CONGO DE ROGER CASEMENT

RESUMÉ: L'objectif de cet article est d'analyser le *Journal du Congo* de Roger Casement, non seulement comme une forme d'écriture de soi, mais aussi, dans un sens plus large, comme une archive de l'empire : un répertoire qui est à la fois subjectif et qui condense le *Zeitgeist* de la période, tout en inscrivant des questions centrales de son époque. L'article part de l'hypothèse que le journal, dans ses spécificités formelles, se distingue sensiblement du Rapport, notamment en ce qui concerne le contenu, la fragmentation, la temporalité et le mode d'inscription de l'expérience. Il s'agit d'examiner les

¹ Mariana Bolfarine (Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ/Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês-FFLCH-USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3342-2547>



controverses autour de la sexualité de Casement, consignée dans le journal de manière codée, au moyen de symboles et de l'usage d'autres langues, ainsi que la manière dont ce même document a contribué à son rejet ultérieur, suscitant même des sentiments d'abjection. Cette réception met à son tour en tension la lecture de ses rapports sur le Congo et l'Amazonie, souvent considérés comme des textes fondateurs dans le domaine des droits humains, ainsi que la perception de sa propre figure historique. Le cadre théorique s'appuie sur les études consacrées à l'écriture de soi, au journal et au récit de voyage, notamment celles de Michel Foucault (1992), Irina Paperno (2004) et Maurice Blanchot (2005), ainsi que sur les théories de l'abjection et du dégoût formulées par Julia Kristeva (1982) et William Ian Miller (1997).

Mots-clés: Journal ; Archive queer ; Empire ; Abjection ; Roger Casement.

Introdução

Neste artigo, pretende-se investigar o *Diário do Congo* (Ó SIOCHÁIN, 2004), escrito pelo cônsul britânico que se tornou uma das figuras centrais do nacionalismo revolucionário irlandês, Roger Casement. Considera-se o texto não apenas como uma forma de escrita de si, mas também, como um controverso arquivo do império, ou seja, como um repositório simultaneamente subjetivo e histórico que condensa o *Zeitgeist*, o espírito de seu tempo, e que inscreve questões centrais de sua contemporaneidade. Parte-se da hipótese de que, em virtude de suas especificidades formais, o *Diário* distingue-se do Relatório oficial² em que Casement denunciou atrocidades cometidas no, então, Estado Livre do Congo, entregue em 1904 ao Ministério das Relações Exteriores britânico, sobretudo no que diz respeito ao teor, à fragmentação, à temporalidade e ao modo de registro da sua experiência.

A reflexão proposta neste artigo surgiu de apresentações acadêmicas dedicadas às múltiplas facetas da vida e da obra de Roger Casement e de recorrentes questionamentos do público. Independentemente do enfoque adotado, fosse como poeta, como defensor dos povos submetidos à violência colonial, ou ainda como observador pioneiro dos impactos ambientais e da exploração humana decorrentes da extração da borracha no Congo Belga ou na Amazônia Peruana, as perguntas e os comentários suscitados frequentemente convergem para um mesmo

²O título do relatório oficial é: *Correspondence and Report from His Majesty's Consul at Boma Respecting the Administration of the Independent State of the Congo*, impresso em Londres, por Harrison and Sons, (1904).

tema: os registros das atividades homossexuais contidos nos chamados *Black Diaries*, cuja autoria é atribuída a Roger Casement.

Essa recorrência revela não apenas o fascínio duradouro exercido pelos diários, mas também a tendência de subordinar a complexidade de sua trajetória humanitária a aspectos de sua vida privada. Isso decorre de duas correntes opostas: de um lado, a ansiedade de proteger e conservar a imagem de seus heróis nacionais e, do outro, a denúncia de correntes críticas contemporâneas, balizadas por marcadores sociais da diferença, de um abusador que teria se aproveitado sexualmente de pessoas racializadas de tenra idade. Nesse contexto, emerge uma questão que dialoga diretamente com debates contemporâneos sobre memória, ética e julgamento retrospectivo de figuras históricas: até que ponto os registros da intimidade de Roger Casement devem influenciar a avaliação de seu legado humanitário?

Argumento, neste estudo, que os *Black Diaries* podem ser compreendidos simultaneamente como escrita de si, arquivos do império e arquivos queer. Sua recepção, marcada por sentimentos de repulsa e abjeção, ajuda a explicar por que a sexualidade de Casement frequentemente eclipsa sua atuação como crítico do colonialismo e precursor de discursos contemporâneos sobre direitos humanos. Para desenvolver essa hipótese, mobilizo reflexões sobre a escrita de diários em Michel Foucault (1992), Irina Paperno (2004) e Maurice Blanchot (2005), bem como as teorizações sobre abjeção e nojo formuladas por Julia Kristeva (1982) e William Ian Miller (1997).

Roger Casement e sua história controversa

Nascido em Sandycove, Dublin, em 1864, Roger David Casement foi um cônsul britânico aclamado pela autoria de relatórios expondo atrocidades cometidas contra os povos originários do Congo belga³ e da Amazônia⁴ peruana durante o auge do ciclo da borracha no início do século XX. Por não coletar as quotas que lhes eram impostas, habitantes dessas regiões – homens, mulheres e crianças – eram flagelados, tinham membros amputados e sofriam de inanição. Após testemunhar tais atrocidades, Casement voltou-se contra o império britânico e aderiu à causa da independência da Irlanda. Buscou apoio da Alemanha durante a Primeira

³ Op. Cit.

⁴ *Correspondence Respecting the Treatment of British Colonial Subjects and Native Indians Employed in the Collection of Rubber in the Putumayo District*, Impresso em Londres, pela Câmara dos Comuns como: Accounts and Papers: *Miscellaneous* No.8 (1912).

Guerra mundial, e foi preso ao retornar à Irlanda em um submarino U19 para participar do Levante da Páscoa de 1916, que buscava a sua independência do Reino Unido. Durante o julgamento de Casement por alta traição à Coroa, os *Black Diaries* foram encontrados pelo Ministério do Interior, minando um pedido de clemência, que resultou no seu enforcamento aos 3 de agosto de 1916. Em vida, Casement foi aclamado por expor crimes contra a humanidade, porém foi impedido de alcançar status de mártir e herói revolucionário. A estratégia do Ministério do Interior Britânico de circular excertos dos *Black Diaries* encontrados nos aposentos de Roger Casement durante seu julgamento foi eficaz e resultou no silenciamento acerca de seu legado na Europa, África e América do Sul.

De acordo com Rory Carroll (2026), “Mais de um século depois de ter sido conduzido à forca, ainda há algo de radioativo em torno de Roger Casement, um nome que continua a causar um leve atrito nas relações entre o Reino Unido e a Irlanda”⁵. Segundo Carroll (2026), com a autorização do governo britânico, o capitão naval Reginald “Blinker” Hall, esteve no centro dessa história. Excêntrico e implacável, ele chefiava o serviço de inteligência do Almirantado e rastreou Casement da Alemanha até a Irlanda, ordenando que fosse levado a Londres (Carroll, 2026). Hall divulgou trechos dos diários a figuras influentes, contribuindo para intensificar a hostilidade pública contra ele. Casement perdeu o título de cavaleiro, teve o pedido de perdão negado e foi enforcado. De acordo com Carroll, assim como Alan Turing, perdoado em 2013, o legado de Casement merece ser reavaliado.

Houve tentativas recentes de resgate de sua figura, em especial durante a década de comemorações do centenário de 2016, tanto de sua morte quanto do levante de Páscoa de 1916, quando Roger Casement ganhou um selo oficial. Além disso, uma grande estátua foi erguida em Dún Laoghaire, Dublin, em sua homenagem, em 2021. Segundo Carroll, Casement foi “Um homem nobre — um humanitário que denunciou atrocidades contra tribos indígenas no Congo e no Peru, um patriota que lutou pela independência da Irlanda — prejudicado por manobras sujas.”⁶ Grande parte dessa controvérsia que persiste, gira em torno da existência dos *Black Diaries*.

⁵ “More than a century after he was marched to the gallows, there is still something radioactive about Roger Casement, a name that continues to emit a faint crackle in British-Irish relations” (Carroll, 2026).

⁶ “A noble man – a humanitarian who exposed atrocities against Indigenous tribes in Congo and Peru, a patriot who sought Irish independence – done down by dirty tricks.” (Carroll, 2026).

Black Diaries

Segundo o antropólogo Séamas Ó Síocháin, os chamados *Black Diaries* correspondem a um conjunto de cinco volumes atribuídos a Roger Casement: um caderno militar de 1901, uma agenda *Letts* de 1903, uma agenda *Dollard* de 1910, uma agenda *Letts* de 1911 e um *Cash Ledger* também de 1911. Desde sua divulgação, em 1916, esses documentos se tornaram o centro de uma intensa controvérsia em torno de sua autenticidade, dando origem ao que ficou conhecido como a teoria da falsificação (*forgery theory*).

A discussão concentra-se principalmente em quatro desses volumes, referentes aos anos de 1903, 1910 e 1911, períodos em que Casement realizou algumas de suas mais importantes missões diplomáticas investigando e registrando atrocidades cometidas contra os povos originários no Congo Belga e na Amazônia Peruana durante o *boom* da exploração da borracha no início do século XX. Enquanto alguns estudiosos defendem a autenticidade dos diários e os utilizam como fonte para compreender a sua vida privada, outros argumentam que se trata de uma elaboração fraudulenta produzida para desacreditá-lo publicamente e evitar que se tornasse um mártir da independência da Irlanda.

Os defensores⁷ da autenticidade destacam que os diários acompanham minuciosamente a rotina de um cônsul britânico, com viagens marítimas, atividades diplomáticas e aspectos cotidianos de suas investigações no Congo e no Putumayo. Ao mesmo tempo, incluem descrições cifradas e explícitas (Ó SÍOCHÁIN, 2004) de desejos e encontros sexuais entre homens, frequentemente envolvendo jovens parceiros e relações pagas, o que levou muitos pesquisadores a interpretá-los como evidência da sua homossexualidade e mesmo pederastia.

Por outro lado, os partidários da teoria da falsificação argumentam que essa combinação de informações historicamente verificáveis, com referências sexuais constitui a tática central dos *Black Diaries*. Como resume John Martin (2025), a estratégia dos falsificadores dos diários teria sido misturar dados factuais com conteúdos destinados a destruir a reputação pública de Casement:

O *modus operandi* dos “*Black Diaries*” consiste em incluir informações factualmente corretas, juntamente com elementos sexuais duvidosos, com o objetivo de desacreditar Casement. O leitor é, assim, levado a acreditar que,

⁷ Apesar de nomes de pesquisadores serem mencionados ao longo do estudo, o objetivo deste artigo não é fazer um levantamento dos defensores da autenticidade ou falsificação, mas propor uma reflexão acerca do tema.

como as partes inofensivas dos Diários são verdadeiras, isso deve significar que as partes de caráter sexual também o são⁸.

Outro aspecto importante é a existência de dois diários cuja autenticidade nunca foi contestada: o *Diário da Amazônia*⁹, escrito durante sua investigação no Putumayo entre setembro e dezembro de 1910, e o *Diário da Alemanha*¹⁰, produzido durante a Primeira Guerra Mundial (Ó SÍOCHÁIN, 2004). Ambos apresentam características distintas dos *Black Diaries*, concentrando-se em acontecimentos políticos e administrativos e não contendo referências explícitas à sexualidade do autor. Por essa razão, são conhecidos como “white diaries”.

A principal crítica formulada pelos defensores da teoria da falsificação diz respeito à incompatibilidade entre a figura moral que emerge desses documentos incontestados e a personalidade retratada nos *Black Diaries*. O pesquisador Angus Mitchell (2016), por exemplo, argumenta que o autor do *Diário da Amazônia* demonstra empatia pelos povos indígenas e preocupação genuína em denunciar as atrocidades do sistema da borracha, enquanto o narrador dos *Black Diaries* aparece como um indivíduo obcecado pela exploração sexual dos corpos dos indígenas. Para Angus Mitchell (2016), essas representações contrastantes dificilmente poderiam corresponder à mesma pessoa. Esse contraste é, também, explicado por Ó Siocháin (2008):

As revelações sobre a sexualidade de Casement apresentadas nos diários não se encaixam bem em nenhum dos dois pontos de vista e, com o passar do tempo, os defensores dessas duas visões essencialmente positivas sobre Casement tenderam a buscar evidências que inocentassem “seu” herói. [...]. A maioria dos comentaristas, especialmente os defensores da teoria da falsificação, considerou bastante marcante o contraste entre o autor dos *Black Diaries* e o Casement retratado em outros escritos. (Ó SIOCHÁIN, 2008, p. 1025, Edição Kindle.)¹¹

⁸ The modus operandi of the Black Diaries is to include pieces of information that are factually correct along with dubious sexual elements designed to discredit Casement. The reader is thus invited to believe that since the innocuous parts of the Diaries are true that must mean that the sexual parts are true also. (Martin, 2025, p. 1).

⁹⁹. *The Amazon Journal of Roger Casement*. Organizado por Angus Mitchell. Dublin, publicado pela The Lilliput Press em 1997.

¹⁰ CASEMENT, Roger. *Diary of Roger Casement, 1914-16, Part I: “My Journey to the German Headquarters at Charleville”*. Organizado e anotado por Angus Mitchell. *Field Day Review*, Notre Dame, v. 8, p. 22-83, 2012.

¹¹ The revelations of Casement’s sexuality which the diaries presented do not sit well with either standpoint and, over time, partisans of both of these essentially positive views of Casement have tended to look for evidence which would exonerate ‘their’ man. [...]. Most commentators, forgery theorists in particular, have found the contrast between the author of the Black Diaries and the Casement of other writings to be quite marked. (Ó Siocháin, 2008, p. 1025, Kindle Edition.)

A controvérsia também envolve a própria história material dos documentos. Durante décadas, houve versões contraditórias sobre como os diários chegaram às mãos da Scotland Yard, alimentando suspeitas de manipulação. Segundo Ó Síocháin

A confusão sobre a proveniência dos diários aumentou quando Basil Thomson¹², em várias publicações, apresentou quatro versões diferentes sobre como eles chegaram às mãos da Scotland Yard e sobre o que continham. Os defensores da teoria da falsificação interpretaram essa confusão como um indício de trapaça, enquanto os defensores da autenticidade a consideraram resultado de descuido e/ou falha de memória. As suspeitas se intensificaram devido à prisão de Thomson no Hyde Park, em 1925, sob a acusação de ter realizado um ato obsceno¹³. (Ó SÍOCHÁIN, 2008, p. 1018). Edição Kindle.

Somente em 1959 o governo britânico reconheceu oficialmente a existência dos cinco volumes e os tornou disponíveis para consulta pública, após pressão decorrente da publicação parcial dos textos por Singleton-Gates e Maurice Girodias (1959). Antes disso, biógrafos e críticos discutiam sua autenticidade sem sequer conhecer sua estrutura ou conteúdo. Antes de nos debruçarmos sobre alguns excertos dos *Black Diaries*, tecerei alguns comentários sobre o diário como um gênero que ocupa uma posição liminar entre a literatura e a história.

O Congo como Diário

Com base em Michel Foucault (1992), Irina Paperno (2004) e Maurice Blanchot (2005), argumento que o diário não é apenas um repositório de experiências, mas uma prática por meio da qual os indivíduos constroem a si mesmos e, simultaneamente, criam arquivos que mais tarde se tornam documentos históricos.

¹² Sir Basil Thomson, chefe da contraespionagem britânica durante a Primeira Guerra Mundial. Liderou as operações de inteligência que levaram à prisão, ao julgamento e à condenação de Roger Casement por traição, em 1916, após seu desembarque de um submarino alemão na Irlanda. Thomson também esteve envolvido na obtenção e divulgação dos *Black Diaries*, com o objetivo de prejudicar sua reputação e impedir qualquer manifestação de simpatia pública ou concessão de clemência antes de sua execução.

¹³ Confusion about the provenance of the diaries was added to when Basil Thomson, in various publications, gave four different versions of how they came into Scotland Yard's possession and of what they comprised. Forgery proponents have interpreted this confusion as an indication of chicanery, while authenticity proponents have taken it to be the result of carelessness and/or defective memory. Suspensions were added because of Thomson's arrest in Hyde Park in 1925 on an indecency charge.

O conceito foucaultiano de “escrita de si” oferece uma chave importante para se compreender o diário. Em “A escrita de si”, Michel Foucault (1992) examina práticas antigas de formação do sujeito e argumenta que a escrita funciona como uma forma de *askesis*, uma disciplina por meio da qual os indivíduos trabalham sobre si mesmos. Escrever não é apenas expressar-se, mas transformar-se. Por meio de práticas como os *hypomnemata*, que eram cadernos em que eram reunidas citações, reflexões e observações, os sujeitos buscavam interiorizar verdades e moldar sua conduta. Da mesma forma, a correspondência permitia que os indivíduos se constituíssem no diálogo com o outro. Em ambos os casos, a escrita exercia aquilo que Foucault denomina uma função “etopoética”, transformando a verdade em *ethos*, em um modo de ser.

Essa dimensão torna-se especialmente significativa quando situamos Casement no contexto do imperialismo do final do século XIX. O período foi marcado pela expansão do poder colonial europeu, especialmente após a Conferência de Berlim (1884–1885), que formalizou a partilha da África entre as potências europeias. O projeto imperial produziu vastos arquivos: mapas, relatórios, censos, fotografias, narrativas de viagem e documentos administrativos. A produção de conhecimento era parte fundamental da dominação colonial, e Casement era um ávido diarista.

Como observa Irina Paperno (2004), o diário se trata de um gênero híbrido, situado entre o espaço privado e o público, entre a subjetividade e a objetividade, entre a espontaneidade e a construção narrativa. Segundo a autora, apesar de ser formalmente diversificado, caracteriza-se por alguns elementos fundamentais: é comumente escrito em primeira pessoa e composto por entradas sucessivas organizadas temporalmente. A importância da temporalidade também está no centro das reflexões de Maurice Blanchot (2005), para quem o diário é regido pelo que denomina a “cláusula do calendário”. O diarista submete a escrita à regularidade da vida cotidiana, ancorando pensamentos e experiências na sucessão dos dias comuns. À primeira vista, o diário parece preservar a vida ao registrá-la. Contudo, essa aparente transparência esconde um paradoxo: a escrita não apenas conserva a experiência, mas também a transforma.

Essa tensão entre preservação e transformação é particularmente relevante para os diários do Congo de Roger Casement. Nele, a experiência é organizada como uma narrativa fragmentada a partir da qual o autor interpreta o mundo ao seu redor. O diário, portanto, é um documento daquilo que testemunhou, mas que revela um aspecto da sua subjetividade que vai de encontro com a sua imagem pública. Essa dimensão torna-se especialmente significativa quando situamos Casement no contexto do imperialismo do final do século XIX, marcado pela

expansão do poder colonial europeu, especialmente após a Conferência de Berlim (1884–1885), que formalizou a partilha da África entre as potências europeias.

O projeto imperial produziu vastos arquivos: mapas, relatórios, censos, fotografias e documentos administrativos. Casement participou inicialmente dessas estruturas imperiais como cônsul britânico e com suas investigações no Estado Livre do Congo culminaram no célebre Relatório do Congo de 1903, em que denunciou a violência e atrocidades cometidas sob o regime do rei Leopoldo II da Bélgica. A investigação também se faz presente nos *Black Diaries*, como neste excerto em que Casement faz uma menção ao número 124 daquele mesmo ano, de 1903:

Thursday 18 June

Fui a Kinchasa a pé com John e Charlie. Dia agradável com os Malet, que embarcarão no Flandre na segunda-feira. Visitei o Dr. Villa à tarde e voltei a pé às 23h30. Noite muito escura. Gee enviou de lá o *Punch*.^[1] “No Estado ‘Livre’ do Congo”. As instalações de torrefação de café dos Malet são interessantes. Li até depois da meia-noite e dormi bem. Mapas e material de escritório da U. chegaram. (p. 236, grifo nosso).¹⁴

Na referida nota, a palavra “Free”, “Livre”, está grafada entre aspas no diário de Casement, da mesma forma que a publicação do periódico *Punch*, como pode ser aferido na transcrição completa do texto:

The Congo “Free” State

(Anonymous)

[“the Berlin Treaty provided for the treatment of the Congo natives on humane, philanthropic and Cristian lones. When he examined the evils he found [sic] that slaves were still offered for sale, natives were subjected to diabolical tortures, and were also forbidden to gather rubber unless they brought the rubber to the state officers – Dr. Clifford.]

The Congo State

¹⁴ Went to Kinchasa on foot with John & Charlie. Pleasant day with the Malets who go up in “Flandre” on Monday. Called Dr. Villa in afternoon & back on foot 11.5 p.m. Very dark noght. “Punch” from Gee there. “In the Congo ‘Free’ State”. Malet’s Coffee Works are interesting. Read till after 12. & slept well. Maps and stationary from U. Arr. (p. 236, grifo nosso).



Is a thriving speculation
For the happy Belgian nation
The receipts are great
And getting yearly Bigger
—But I’m glad I’m not a nigger
In the Congo State.

The Congo State
Is in a prosperous condition,
And its civilizing mission
Who can overrate,
Or its zeal administrative?
—But I’m glad I’m not a native
Of the Congo State!

In the Congo State
Bounteous nature has supplied you
With some useful guides (who) guide you
(Charging *nil* for the freight),
Where the pam and rubber tree Grow
—But I’m glad I’m not a negro
In the Congo State!

Fonte: *Punch* 124 (6 May 1903, p. 313, grifo nosso)

Como é característico do periódico *Punch*, o autor anônimo utiliza a ironia para denunciar a exploração colonial do Congo pelo Estado Livre do Congo, sob domínio de Leopoldo II da Bélgica – a condição de trabalho escravizado em um Estado que deveria ser “Livre”. Isso se dá em virtude da aparente celebração da prosperidade econômica, da missão civilizadora e da riqueza natural da colônia que contrasta com a realidade de violência e exploração da população congoleza. O efeito cômico é produzido principalmente pela repetição do refrão “But I’m glad I’m not a native” [“Mas fico feliz por não ser um nativo”] etc, e pela estrutura de cada estrofe, que apresenta inicialmente uma visão otimista do empreendimento colonial para, em seguida, revelar sua dimensão desumana.

Assim, o humor aparentemente leve e satírico do poema funciona como uma crítica à hipocrisia do discurso imperialista. Ao mesmo tempo, o uso de termos raciais depreciativos

evidencia os limites dessa crítica, pois o poema denuncia a exploração colonial sem necessariamente romper com a linguagem racista de sua época.

Portanto, pode-se inferir que os *Black Diaries* apresentam um vislumbre do da vida diária de Casement, justapondo fatos, curiosidades e observações relacionados a sua investigação, como essa nota do *Punch*, ao revelar que o pensamento de Casement estava constantemente voltado para a investigação no Congo, da qual ele participou e sobre a qual redigiu um relatório oficial. No entanto, além desses registros reflexivos cotidianos, constam nos *Black Diaries* registros de sua intimidade, mais especificamente de seus interesses sexuais, que permanecem nos bastidores do arquivo oficial. Isso pode ser notado nos excertos abaixo, escritos na ilha de Madeira, a caminho da investigação no Congo, alguns meses antes do excerto anterior:

Madeira:

Segunda-feira, 23 de março

Cabelos claros, olhos azuis, roupas marrons, cerca de 17 anos. Lendo o livro de Burrows e escrevi a Spence sobre a cesta e a Davie, no Ministério da Guerra [War Office]. Enviei novamente um telegrama a Las Palmas a respeito da cesta. Enorme às dez horas na praça. Almocei com Cambrelyn no Paris Rest. [...] Voltei para casa para me deitar. Jantei com os Olsens; garçons simpáticos. Depois, fui ao Plaza. Wayles e Whip, com o chicote na mão, até Avidiva pela estrada nova. X... *mu mua ami. Mal umi maudi matuvia brambit, gidkili*¹⁵. [1] 25 [moedas] em dinheiro e 13 pesetas. (CASEMENT apud Ó SIOCHÁIN, 2003, p. 206)¹⁶

Quarta-feira, 25 de março

X... “Muito amigo” X... Não estou nada bem. Noite muito ruim entre “John” e a disenteria; fiquei deitado quase o dia todo. O Dr. Otto aconselhou-me a permanecer na cama e a não partir para o Congo. À tarde, senti-me um pouco melhor e decidi partir. [...]. Saí à rua e fui até a Avenida. Juan mua mu ami

¹⁵ Mu mua ami. Mal umi maudi: “seu sêmen na minha boca” (MCGAFFEY apud Ó SÍOCHÁIN, 2003, p. 206).

¹⁶ Monday 23 March

Fair hair, blue eyes, brown clothes, round about 17. Reading Burrows book and wrote to Spence about basket and to Davie at W.O [War Office]. Wired again to Las Palmas about basket. Enormous at 10 o'clock in Square. Lunchd with Cambrelyn at Paris Rest. [...] Home to lie down. Dined with Olsens, nice waiters. After to Plaza. Wayles and Whip in hand to Avidiva by new road. X... *mu mua ami. Mal umi maudi matuvia brambit, gidkili* . 25 note and 13 pesetas. (CASEMENT apud Ó SIOCHÁIN, 2003, p. 206)



diaka N. sono, 18 p. 20 anos. Voltei para a casa dos Olsens. Pepe, 17 anos, comprou cigarros. *Mucho dueno, dia tidiaka moko mavabela um muami mucho mucho bueno fiba, fiba*¹⁷, X..., p. 16. (CASEMENT apud Ó SIOCHÁIN, 2003, p. 207).¹⁸

Ambas as entradas, que combinam registros do cotidiano, como leituras, correspondências, encontros sociais e deslocamentos fornecem a ideia de indomabilidade gerada por esses espaços coloniais de transgressão. Elas apresentam referências de natureza sexual inseridas de maneira abrupta e cifrada cuja narrativa é construída por meio de anotações aparentemente sem conexão explícita entre os eventos relatados. Registram sucintamente encontros com rapazes, em sua maioria jovens (Pepe, 17), aos quais retribui financeiramente: “16 pesetas.”

Além disso, a presença de expressões em uma língua africana, como “Mu mua ami. Mal umi maudi” que, segundo nota inserida por Ó Síocháín, significa “his sperm in my mouth”, introduz um conteúdo sexual que permanece parcialmente velado pela escolha linguística. Revelam, também, o fato de o diarista estar “*cruising*”, termo utilizado na comunidade Gay brasileira, em seu original, com o sentido de buscar e realizar atos sexuais em espaços públicos. Na citação, isso implicaria estar no espaço público, ao mesmo tempo, literalmente com o seu olhar voltado a outros interesses: “Wired again to Las Palmas about basket. Enormous at 10 o’clock in Square.” [Enviei novamente um telegrama a Las Palmas a respeito da cesta. Enorme às dez horas na praça]; “nice waiters” [garçons simpáticos]. Além da linguagem cifrada, em língua africana, há o notório “X”, que simboliza atividade sexual. A justaposição entre acontecimentos ordinários e referências íntimas, associada ao uso de códigos, abreviações e outros idiomas, constitui uma das marcas mais recorrentes dos *Black Diaries*.

Diferentemente dos relatórios oficiais, que privilegiam dados, observações e evidências produzidas para circulação institucional, os diários registram acontecimentos que permanecem à margem da documentação oficial. A esse respeito, o teórico Jack Halberstam em *Wild Things* (2020), traça um paralelo entre os *Black Diaries* e *Coração das Trevas* (1902), novella do escritor polonês radicado na Inglaterra, Joseph Conrad, e questiona: “Esses diários, assim como

¹⁷ Fiba: “sugar, beijar” (MCGAFFEY, comunicação pessoal apud Ó SÍOCHÁIN, 2003, p. 207).

¹⁸ Wednesday 25 March

X... ‘Mucho amigo’ X... Not at all well. Very bad night between ‘John’ and dysentery, lying down nearly all day. Dr. Otto advised going to bed and not leaving for Congo, in afternoon slightly better so decided to go. [...]. In street and to Avenida. Juan mua mu ami diaka N. sono 18 p. 20 years. Back to Olsens. Pepe, 17, bought cigarettes mucho dueno, dia tidiaka moko mavabela um muami mucho mucho bueno fiba, fiba, X..., p. 16. (CASEMENT apud Ó SIOCHÁIN, 2003, p. 207)



O coração das trevas, de Conrad, são testemunhos da brutalidade colonial ou são cúmplices dessa ordem violenta, impondo, no plano estético, aquilo que o sistema político deixou por fazer?” (p. 45). Are these diaries, like Conrad’s *Heart of Darkness*, a witness account of colonial brutality, or are they complicit with that violent order, enforcing in aesthetic terms what the political system left undone?” (p. 45)¹⁹.

A questão proposta por Halberstam permite problematizar a ambivalência dos diários de Casement. Por um lado, os “white diaries” podem ser lidos como testemunhos da violência imperialista, na medida em que registram práticas de exploração, abusos físicos e desumanização das populações submetidas ao domínio colonial. Contudo, os *Black Diaries* nos permitem questionar até que ponto a escrita desses acontecimentos efetivamente denuncia a violência ou acabam por reproduzir as estruturas ideológicas que a sustentam.

À medida que *O coração das trevas* (1902) denuncia os excessos do imperialismo belga, reitera estereótipos coloniais sobre a África e seus habitantes. A obra torna-se, portanto, um espaço em que a violência colonial é simultaneamente exposta e mediada por formas de representação que não estão inteiramente livres da ideologia imperial. EM se tratando dos diários de Roger Casement, seus registros do Congo e da Amazônia podem ser examinados tanto como documentos que revelam uma posição complexa: ao mesmo tempo que contribui para tornar visíveis os mecanismos da exploração colonial, também constitui um exercício de observação mediado pela perspectiva de um sujeito europeu.

A expressão “enforcing in aesthetic terms what the political system left undone” — isto é, “impondo, no plano estético, aquilo que o sistema político deixou por fazer” — aprofunda essa reflexão sugere que, por meio da linguagem, da representação e da organização narrativa, o texto pode reafirmar identidades coloniais e delimitar as condições em que os sujeitos colonizados podem aparecer e ser compreendidos. O ponto central, portanto, não é decidir simplesmente se esses diários denunciam ou legitimam o colonialismo, mas investigar como essas operações coexistem no interior da mesma prática de escrita.

Apesar de não termos uma resposta a esses questionamentos, pode-se afirmar que esse registro da experiência/violência colonial atravessado por relatos íntimos, que raramente encontram lugar nos arquivos públicos, aproximam os diários de Casement àquilo que Ann Cvetkovich denomina um *queer archive*, ou “arquivo queer”.

¹⁹ Are these diaries, like Conrad’s *Heart of Darkness*, a witness account of colonial brutality, or are they complicit with that violent order, enforcing in aesthetic terms what the political system left undone?” (HALBERSTAM, 2020, p. 45).



Arquivo queer

De acordo com a noção de “queer archive”, proposta por Ann Cvetkovich, os arquivos não preservam apenas fatos, mas também reúnem vestígios de afetos, desejos e experiências vividas (ou não) que frequentemente permanecem excluídos das narrativas históricas oficiais. Sob essa perspectiva, os diários tornam-se especialmente valiosos. Um exemplo é a resposta de Casement à morte do oficial Hector McDonald:

Sexta-feira, 17 de abril

Manhã fresca depois da chuva. “John”²⁰ está muito mal, com os olhos inchados. Mais tarde, fez calor. O HMS Odin chegou. Trouxe a notícia do suicídio de Sir Hector McDonald, em Paris! As razões apresentadas são tristemente lamentáveis! Este é, sem dúvida, o caso mais angustiante de sua natureza, e talvez possa despertar a consciência nacional para métodos mais sensatos de tratar uma doença terrível do que por meio da legislação criminal. (apud Ó SIOCHÁIN, 2003, p. 215-6, grifo nosso)²¹.

De acordo com a nota de Ó Siocháin a essa entrada, Sir Hector MacDonald era um jovem que, aos quinze anos, iniciou sua vida profissional como aprendiz de comerciante de tecidos, mas logo se alistou no exército como soldado. Construiu uma carreira militar de destaque na Índia e durante a Guerra dos Bôeres. Em 1903, quando servia no Ceilão, foi acusado de sodomia. Após viajar a Londres, suicidou-se em Paris, enquanto retornava ao Ceilão para enfrentar um julgamento militar. Durante sua estadia na capital francesa, um jornal local de língua inglesa publicou seu retrato juntamente com rumores difamatórios relacionados às acusações.

Outros registros dos diários de Casement de 19 e 30 de abril também demonstram a sua consternação em relação ao suicídio de McDonald:

²⁰ Cão Bulldog de Casement.

²¹

Friday 17 April

Cool morning after the rain. “John’s” very bad, eyes swollen. Got Hot later. H.M.S. “Odin”arr. Brought News of Sir Hector McDonald’s suicide in Paris! The reasons given are pitiably sad! The most distressing case this surely, of its kind and one that may awake the national mind to saner methods of curing a terrible disease than by criminal legislation. [...] (Casement apud Ó Siocháin, 2003, p. 215–216, grifo nosso).



Arrumei tudo — deixei Cabinda às 9h. Royle veio despedir-se de mim à sua maneira afetuosa. [...] Visitei Etienne. “John” indisposto — um quarto horrível no hotel. Moscas-da-areia. Não preguei os olhos. A morte de Hector McDonald é muito triste. 5 francos pelo quarto. (CASEMENT apud Ó SIOCHÁIN, 2003, p. 219).²².

Esses excertos demonstram, como sugere Paperno, que a importância dos diários reside na construção do sujeito que revelam. Contudo, defensores da teoria da falsificação argumentam que as referências ao suicídio de MacDonald não seriam compatíveis com alguém que, como o próprio autor dos diários, também era homossexual. A expressão “curing a terrible disease” constitui um dos elementos mobilizados pelos defensores da teoria da falsificação dos *Black Diaries*, na medida em que associam a questão da sexualidade a uma linguagem patologizante. Entretanto, ao defender “saner methods”/ “métodos mais sensatos” em lugar da punição legal, o diarista sugere que o tratamento do caso de MacDonald deveria ultrapassar a resposta estritamente penal. Embora a expressão “a terrible disease”/ “doença terrível” possa remeter à ideia da homossexualidade como patologia, seu referente não pode ser estabelecido de maneira conclusiva a partir desse fragmento isolado. Além disso, mesmo que Casement empregasse uma linguagem marcada pelo discurso médico-moral de sua época, isso não constituiria necessariamente uma contradição com sua própria sexualidade. A internalização de discursos patologizantes e a crítica à criminalização poderiam coexistir, revelando as tensões entre desejo, subjetividade e normas sociais.

Abjeção, nojo e horror

Para Michel Foucault (1979), figuras como Roger Casement podem ser compreendidas à luz da categoria dos “homens infames”, sujeitos cujas trajetórias se tornam visíveis na história precisamente pela convergência entre verdade, poder, vigilância e escândalo. As reações contemporâneas aos *Black Diaries* podem ser analisadas a partir das reflexões de Julia Kristeva (1982) e William Ian Miller (1997) sobre abjeção e nojo, uma vez que os *Black Diaries* de Casement frequentemente suscitam esse tipo de reação e negação.

²² Packed up everything – left Cabinda at 9am. Royle taking me off in his warm-hearted way. [...] Called on Etienne. “John” seedy – a dreadful room at Hotel. Sandflies. Did not close my eyes. Hector McDonald’s death very sad. 5 Francs for room. (apud Ó SIOCHÁIN, 2003, p. 219)

Em *Poderes do Horror* (1982), Julia Kristeva define o abjeto como aquilo que não é simplesmente excluído, mas cuja proximidade ameaça a estabilidade do sujeito e da ordem social. Desse modo, a sexualidade de Casement ocupou, durante grande parte do século XX, uma posição abjeta: algo que deveria ser simultaneamente expulso e esquecido. William Ian Miller desenvolve argumento semelhante ao analisar o nojo (disgust) como um sentimento social e moral. Para ele, o nojo não funciona apenas como resposta fisiológica, mas como um mecanismo de organização simbólica do mundo. Ao definir aquilo que é considerado puro ou contaminante, aceitável ou repulsivo, o nojo contribui para a produção de hierarquias sociais e morais. Não surpreende, portanto, que os *Black Diaries* tenham produzido um impacto tão duradouro ao provocar simultaneamente repulsa e fascínio. Assim, os registros sexuais tornam-se mais memoráveis do que as denúncias de atrocidades coloniais, produzindo uma espécie de deslocamento interpretativo em que o escândalo privado se sobrepõe ao seu legado.

Conclusão

Em última análise, a questão central não é apenas sobre a autenticidade dos *Black Diaries*, mas o que sua recepção revela sobre os mecanismos de construção da memória histórica. Lidos como tecnologias do eu, arquivos do império e arquivos queer, os diários evidenciam a complexa articulação entre subjetividade, sexualidade e poder. A persistência da suspeição com que a história de Roger Casement é recebida, demonstra como sentimentos de nojo e abjeção continuam a moldar a forma pela qual figuras históricas são lembradas e julgadas. Nesse processo, a sexualidade de Casement frequentemente ocupa o centro da narrativa, obscurecendo sua atuação como denunciante da violência colonial. Os diários revelam, assim, não apenas quem foi Roger Casement, mas também os limites e as tensões das formas pelas quais escolhemos recordar o passado no presente.

REFERÊNCIAS

- BLANCHOT, Maurice. *O diário íntimo e a narrativa*. In: _____. *O livro por vir*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 271-278.
- FOUCAULT, Michel. *A escrita de si. O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992. p. 129–160.
- FOUCAULT, Michel. *Power, Truth and Strategy*. Sydney, 1979.

- CASEMENT, Roger. *The Black Diaries: An Account of Roger Casement's Life and Times with a Collection of his Diaries and Public Writing*. Peter Singleton-Gates and Maurice Girordias, eds. New York: Grove Press Inc., 1959. Print.
- CASEMENT, Roger. *The Amazon Journal of Roger Casement*. Organizado por Angus Mitchell. Dublin, publicado pela The Lilliput Press em 1997.
- CASEMENT, Roger. Diary of Roger Casement, 1914-16, Part I: "My Journey to the German Headquarters at Charleville". Organizado e anotado por Angus Mitchell. *Field Day Review*, Notre Dame, v. 8, p. 22-83, 2012.
- HALBERSTAM, Jack. *Wild Things: The Disorder of Desire*. Duke University Press, 2020.
- KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror: An Essay on Abjection*. Translated by Leon S. Roudiez, Columbia UP, 1982.
- MARTIN, John. The Black Diary Forgeries. *Irish Political Review*, 2025.
<https://irishpoliticalreview.com/2025/11/01/the-black-diary-forgeries/>
- Mitchell, Angus. "Black Diaries: Roger Casement and the History Question." *History Ireland*, vol. 24, no. 4, 2016, pp. 34–37. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/43823965>. Accessed 16 Sept. 2026
- MILLER, William Ian. *The Anatomy of Disgust*. Harvard UP, 1997.
- Ó SÍOCHÁIN, Séamas. *The Eyes of Another Race: Roger Casement's Congo Report and 1903 Diary*. Dublin: UCD Press, 2004.
- Ó SIOCHÁIN, Séamas. *Roger Casement: imperialist, rebel, revolutionary*. Dublin: The Lilliput Press, 2008.
- PAPERNO, Irina. "What Can Be Done with Diaries?" *The Russian Review*, vol. 63, no. 4, 2004, pp. 561–73. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/3663979>. Accessed 21 June 2026